

Resenha

ARQUIVOLOGIA AOS EPISTEMÓLOGOS E ARQUIVÍSTICA AOS GESTORES: UMA PERSPECTIVA DE BOB BOBUTAKA BATEKO

Clarissa M. S. Schmidt | Professora do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense – UFF.

No campo dos arquivos as discussões em torno dos termos arquivística e arquivologia foram majoritariamente pautadas na dicotomia entre técnica e ciência, ou, em alguns casos, na sinonímia de ambos¹. Contudo, uma perspectiva que os coloca claramente em distintas posições é defendida por Bob Bobutaka Bateko, no artigo “[Archivistique et archivologie: clarification épistémologique](#)”².

O autor congolês³ apresenta, logo no início do texto, o que afirma ser o seu “ponto de vista científico” sobre a questão, justificando que “os pesquisadores da área de arquivos raramente se preocupam com o alcance da epistemologia em seu campo disciplinar”, ao passo que “para as ciências da informação e da comunicação, incluindo o campo científico dos arquivos, há cada vez mais epistemólogos que querem estabelecer a demarcação clara entre sua práxis e sua teorização”.

Tal alegação é o prenúncio de um discurso que permeia todo o artigo e culmina na defesa da arquivologia como ciência dos arquivos revestida de conteúdo epistemológico em “oposição à arquivística, que é a técnica de gestão de arquivos”. Essa distinção reverbera, inclusive, no perfil do profissional, onde a “preocupação fundamental do profissional de arquivos é sua gestão, enquanto o objetivo do arquivólogo é a reflexão epistemológica sobre os arquivos”. O que por vezes parece polarizar o academicismo e o praticismo, foi sustentado por Bateko nas cinco seções de seu artigo, além da introdução e a conclusão.

A primeira seção, denominada “Os Arquivos”, faz um brevíssimo apontamento da polissemia desse termo. Na sequência, “A obsolescência da teoria das três idades dos arquivos” não diz ao que veio, mas parece tentar explicar o que acredita ser o desaparecimento das fases de vida como arcabouço teórico, além de propor como substituto o que nomeia de “teoria das necessidades dos documentos arquivísticos, com dois ciclos ou subsistemas”, quais sejam *la traçabilité managériale e la traçabilité historiographique*⁴. Ao fim e ao cabo, não há qualquer novidade senão uma enorme semelhança com a proposta da gestão de documentos e gestão de arquivos, ou ainda os *records* e os *archives*, largamente problematizados no campo dos arquivos⁵.

As próximas seções podem ser consideradas o “núcleo duro” da discussão. “Arquivística: inteligência pragmática da gestão de arquivos” assevera a ideia da arquivística ser uma “técnica ou disciplina de gestão dos arquivos”, corroborando com a perspectiva de que cabe ao arquivista praticá-la. Há ainda, nesse sentido, alguns apontamentos sobre o que intitula “esquemas conceituais”, como a arquivística tradicional, arquivística integrada, teoria do *continuum*, dentre outros. Destaca-se a exposição, ainda que rápida, sobre uma abordagem africanista da arquivística onde a “oralidade é sublinhada como fundamento dos arquivos”, fato que poderia ter sido mais aprofundado tendo em vista a ausência da discussão na literatura da área e o próprio conhecimento do autor. E, por fim, baseado em David Gracy, descreve cinco condições nas quais a pesquisa arquivística deve ser realizada.

1 Uma reflexão mais minuciosa da questão pode ser encontrada em SANTOS, Vanderlei B. dos. A Arquivística como disciplina científica: princípios, objetivos e objetos. Salvador: 9Bravos, 2015, p. 66-86.

2 O artigo, cujo título traduzido como Arquivística e Arquivologia: esclarecimento epistemológico, foi publicado em 2018 pelo autor em seu blog “[archivistebateko](#)”, dedicado às reflexões do que denomina como “mundo documental”, a saber: arquivos, documentação e biblioteca. Disponível em: <http://archivistebateko.canalblog.com/archives/2018/04/18/36332251.html>. Acesso em: março, 2022. A sua versão traduzida está disponível nesta edição da Revista do Arquivo, na seção Versão.

3 Bob Bobutaka Bateko é professor de Arquivo no Instituto Superior de Estatística de Kinshasa e na Universidade de Kinshasa, localizados na República Democrática do Congo. Doutor em Ciências da Informação e Comunicação, licenciado em Arquivologia e em Biblioteconomia e Documentação. Por fim, é autor de vários livros e artigos científicos publicados na França, Bélgica, Alemanha e República Democrática do Congo.

4 Pode-se traduzir como rastreabilidade gerencial e rastreabilidade historiográfica, respectivamente.

5 Sobre isso, sugere-se a leitura do capítulo: “Natureza dos arquivos”, do livro Arquivos Modernos, Princípios e Técnicas, de T. R. Schellenberg, FGV, 2002.

Por sua vez, “Arquivologia: ciência dos arquivos” busca estabelecer o status epistemológico da arquivologia e, consequentemente, do arquivólogo. Para tanto, Bateko afirma que o conceito de arquivologia “é cada vez mais utilizado para designar a ciência ou o discurso sobre os arquivos” e chega a flertar com as ideias pós-modernas⁶ aos arquivos para amparar suas afirmações. À vista disso, baseia-se em autores como Jacques Derrida, Eric Ketelaar, Marcel Caya, Knut Ebeling e Stephan Gunzel para justificar uma pretensa interdisciplinaridade à Arquivologia.

A penúltima seção, “Autores que utilizaram o conceito de arquivologia” não deixa de ser uma continuidade da anterior e intenciona validar epistemologicamente este conceito a partir dos “círculos internacionais”. Significa dizer que Bateko buscou referendar seu pensamento em pesquisadores estrangeiros e de referência na área. Assim, apresenta os círculos alemão, francês, holandês, canadenses, da América Latina e da República Democrática do Congo. Em cada círculo são citados autores, como por exemplo Yves Pérotin, Bruno Delmas, Norma Fenoglio e o próprio Bob Bobutaka Bateko, além daqueles mencionados anteriormente. Com isso, entende ter feito uma “viagem ao redor do mundo” capaz de demonstrar “a aceitação, a validação e uso universal do conceito de arquivologia”. Porém, entendemos que esse panorama poderia ter atendido melhor ao proposto se tivesse aprofundado a discussão e ampliado o diálogo com outros países e autores, bem como explicado o que dessemelha esses “círculos internacionais” dos “esquemas conceituais” atribuídos à arquivística. Ainda nessa seção, cumpre ressaltar que o que Bateko entende como diferenças entre arquivística e arquivologia ficam latentes. A “Tabela diferencial de arquivística e arquivologia” demarca objetivamente sua perspectiva. No que diz respeito ao conhecimento, defende a arquivística como uma “disciplina pragmática ou operacional dos arquivos”, que se baseia nas perguntas “o que fazer? E como fazer?” e se utiliza dos fundos de arquivos. Já a arquivologia é a “disciplina epistemológica dos arquivos”, que responde à pergunta: “por quê?” e produz livros sobre os arquivos. Em relação aos profissionais, a arquivística forma o arquivista cuja atividade é ser gestor de arquivos, o qual deve aplicar rigorosamente as normas e textos legais. Na arquivologia, cabe ao arquivólogo as atividades teóricas e de cientista dos arquivos, o qual deve ter domínio científico de normas, teorias, textos etc.

Por este ângulo, nos ficam claras as intenções de Bateko em dar um lugar diferente e de destaque, quem sabe até de superioridade, à arquivologia, ao mesmo tempo que à arquivística é reservado o pragmatismo. Essa ideia é estendida aos profissionais, algo que ganha reforço na conclusão do artigo:

“O arquivista atua principalmente nas práticas arquivísticas, enquanto o arquivólogo constrói sua heurística e sua comunicação pedagógica através do uso racional de livros, dos artigos científicos e da produção documental universitária etc, na temática da pesquisa sobre os arquivos.” (BATEKO, 2018)

Considera-se, portanto, que as diferenças apontadas pelo autor congolês, tanto em relação ao conhecimento como aos profissionais que integram a arquivologia e a arquivística, devem ser pensadas numa perspectiva de dualidade em detrimento da polaridade ou desigualdade. Certamente o que pode vir a uni-las ou separá-las não está limitado a um diploma universitário ou, ainda, a um pensamento de epistemólogo ou de gestor. Como bem coloca Williams⁷, a teoria “está sempre em ativa com a prática: uma interação entre as coisas feitas, as coisas observadas e a explicação (sistemática) delas. Isso permite uma distinção necessária entre teoria e prática, mas não requer sua oposição”.

Por fim, convém destacar que o contato com o pensamento de Bateko é motivo de muita curiosidade e reflexão. Sabemos que nossa literatura arquivística dialoga pouco ou quase nada com a produção desse conhecimento na África, que asseguradamente em muito pode contribuir, a partir de suas teorias e práticas locais, com o campo dos arquivos. Fica o agradecimento à equipe editorial da *Revista do Arquivo* pela iniciativa da tradução do artigo ora em tela e a expectativa que muitas outras possam vir.

6 Para analisar o proposto pela arquivologia pós-moderna, pesquisar SCHMIDT, Clarissa M. S. Arquivologia e a construção do seu objeto científico: concepções, trajetórias, contextualizações. 2012. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-02072013-170328/pt-br.php>

7 WILLIAMS, R. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 394.